

Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil

Ornamental plants in urban homegardens of Rio Branco, Brazil

Amauri Siviero^I, Thiago Andrés Delunardo^{II}, Moacir Haverroth^I, Luis Cláudio de Oliveira^I,

André Luis Cote Roman^{III}, Ângela Maria da Silva Mendonça^{IV}

^IEmpresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Rio Branco, Acre, Brasil

^{II}Pesquisador independente. Brasília, Distrito Federal, Brasil

^{III}Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Botucatu, São Paulo, Brasil

^{IV}Secretaria de Estado de Educação. Rio Branco, Acre, Brasil

Resumo: As plantas ornamentais são importantes na cultura e no bem estar dos moradores das cidades na Amazônia. Este trabalho teve como objetivo caracterizar as espécies vegetais de uso ornamental em quintais urbanos de Rio Branco, Acre, e a relação com aspectos sociais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, abrangendo 132 quintais urbanos, entre 2009 e 2011. Os bairros selecionados para este estudo foram Aeroporto Velho, Placas e Conjunto Novo Horizonte, situados na periferia do município. Foram catalogadas 140 espécies ornamentais, pertencentes a 49 famílias botânicas, com destaque para Euphorbiaceae (7%), Arecaceae (6,4%) e Araceae (5%). Entre as espécies ornamentais registradas, 57,5% são exóticas, 16% apresentam uso medicinal e 44% são herbáceas. A análise de regressão dos dados entre a diversidade de espécies, a área e os parâmetros sociais dos entrevistados não mostrou significância. O cultivo de plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco auxilia na ambiência da residência e melhoria da paisagem, gera bem estar aos moradores pelo espaço de lazer e contribui para a conservação de recursos genéticos.

Palavras-chave: Plantas ornamentais. Quintais urbanos. Amazônia. Etnobotânica.

Abstract: Ornamental plants are important in the culture and welfare of city dwellers in the Amazon. This study aimed to perform a characterization of species of ornamental use in urban backyards of Rio Branco and relation with social aspects of the respondents. Semi-structured interviews featuring ornamental species along with analysis of social aspects of urban respondents of the 132 backyards in Rio Branco, Acre, Amazon between 2009 and 2011. Selected for this study were neighborhoods Aeroporto Velho, Placas and Novo Horizonte, located on the periphery of the municipality. Were detected 140 ornamental species belonging to 49 different botanical families, especially Euphorbiaceae (7%), Arecaceae (6.4%) and Araceae (5%). Ornamental species recorded, 57.5% are exotic, 16% have medicinal use and 44% herbaceous. Regression analysis of data across the diversity of species, area and social parameters of the respondents was not significant. The cultivation of ornamental plants in urban backyards Rio Branco assists in the ambience of the residence, landscape improvement, generates welfare for residents at leisure space beyond the conservation of genetic resources.

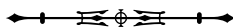
Keywords: Ornamentals plants. Urban homegardens. Amazon. Ethnobotany.

SIVIERO, Amauri; DELUNARDO, Thiago Andrés; HAVERROTH, Moacir; OLIVEIRA, Luis Cláudio de; ROMAN, André Luis Cote; MENDONÇA, Ângela Maria da Silva. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 3, p. 797-813, set.-dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000300015>.

Autor para correspondência: Amauri Siviero. Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária. Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre. Rodovia BR 364, km 16. Rio Branco, AC, Brasil. CEP 69908-970 (amauri.siviero@embrapa.br).

Recebido em 04/05/2012

Aprovado em 18/07/2014



INTRODUÇÃO

Os quintais são espaços de resistência no ambiente urbano, que garantem a interação do homem com elementos do mundo natural. O quintal se refere ainda ao espaço do terreno situado ao redor a casa, regularmente manejado, onde são cultivadas plantas e também são criados animais domésticos de pequeno porte (Amorozo, 2002). Para Kumar e Nair (2004), o quintal é uma unidade de paisagem, onde ocorre um elevado número de espécies e as interações estabelecidas com os respectivos idealizadores satisfazem necessidades econômicas, sociais e culturais específicas do grupo envolvido.

Os quintais são espaços de fácil acesso para os moradores cultivarem diversas espécies com funções estéticas, de lazer, para alimentação e medicinais. É interessante observar que, em todas as regiões tropicais do mundo, ocorre este sistema agroflorestal denominado de quintal, com suas variantes correlatas em cada região ou país, sendo muito semelhantes na sua estrutura e função (Howard, 2003; Nair, 2004).

A importância do estudo das plantas ornamentais presentes nos quintais, com vistas à conservação genética e cultural das espécies e das tradições locais, é inegável em todo o mundo (Soemarwoto, 1987). Estudos realizados em quintais urbanos e não urbanos na região amazônica do Peru indicam que a diversidade dos quintais é fortemente relacionada às características específicas de tamanho e forma do local, socioeconômicas e ao acesso a material de plantio, como a disponibilidade de sementes e mudas (Coomes e Ban, 2004). Nos grandes centros urbanos, os moradores dispõem de reduzidos espaços para o cultivo de plantas. No entanto, os quintais têm abrigado espécies locais de grande valor sociocultural, especialmente em periferias das cidades brasileiras (Amaral e Guarim Neto, 2008; Siviero *et al.*, 2011).

Nos quintais urbanos e rurais da Amazônia brasileira, as plantas ornamentais são cultivadas em áreas restritas, onde recebem maior atenção, geralmente próximos à cozinha, a fim de facilitar os cuidados. Os quintais agroflorestais e urbanos nessa região são caracterizados como pequenos espaços onde se cultivam espécies

frutíferas, medicinais, raízes, hortaliças, ornamentais, místicas, associados à criação de pequenos animais, sendo, notadamente, manejados por mulheres (Murrieta e Winklerprins, 2003; Siviero *et al.*, 2011).

Estudos etnobotânicos realizados em quintais urbanos, especialmente na Amazônia, podem contribuir para a compreensão e a conservação de recursos genéticos e culturais. Em relação ao Acre, poucos são os trabalhos desenvolvidos na temática dos quintais urbanos com espécies de valor ornamental. Os bairros periféricos de Rio Branco apresentam população de baixa renda, basicamente originária do interior do estado, sendo a maioria composta de ex-seringueiros, conhecidos por promoverem a conservação de recursos vegetais da floresta, entre eles as plantas ornamentais, solidificando uma tradição que passa de pai para filho ao longo dos anos (Schmink e Cordeiro, 2008).

A partir dos anos 1970, verificou-se, no Acre, um intenso processo de urbanização em função da queda da exploração da seringueira (*Hevea spp.*). Em Rio Branco, foram criados diversos bairros periféricos, nos quais os quintais das moradias apresentam grande número de espécies vegetais alimentares. Os moradores doam, vendem ou trocam estacas, mudas e vasos de plantas com vizinhos e parentes mais próximos, reforçando a sociabilidade e gerando ainda uma pequena renda (Siviero *et al.*, 2011).

A função sociocultural dos quintais, na Amazônia, tem recebido pouca atenção dos pesquisadores. Algumas das plantas ornamentais presentes nos quintais são também usadas em rituais religiosos e cerimônias. Entre estas, podemos citar a *Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton e a *Psychotria viridis* Ruiz & Pav., cujo uso é comum em comunidades ayahuaqueiras em algumas áreas urbanas e periurbanas de Rio Branco, porém geralmente trazidas de áreas de floresta ou de cultivos em áreas rurais e periurbanas.

Os quintais urbanos apresentam dinâmica temporal e espacial, além de valores simbólicos ou mágicos e de importância estética, traduzidos pelas plantas ornamentais (Heckler, 2004). Diversos autores revelam que o estudo

dos quintais urbanos é também útil na compreensão dos sistemas sociais que mantêm a agrobiodiversidade, reforçada pelo fluxo de material vegetal entre as pessoas, formando a sociobiodiversidade (Martins, 1998; Amorozo, 2002; Howard, 2003; Carniello *et al.*, 2010; Winklerprins e Oliveira, 2010).

Estudos etnobiológicos de quintais geralmente se concentram no funcionamento, na composição ecológica ou na contribuição econômica, e são importantes para a conservação de espécies e do patrimônio cultural em espaços urbanos ameaçados. Na literatura, não se observam trabalhos de etnobotânica que explorem a relação entre parâmetros sociais com a diversidade de espécies ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco. Esta pesquisa é complementar a outros estudos de plantas em quintais de Rio Branco, que exploraram aspectos gerais (Mendes, 2008) e os usos alimentares das espécies (Siviero *et al.*, 2011). O objetivo deste trabalho foi caracterizar as espécies ornamentais manejadas em

quintais urbanos de Rio Branco e suas relações com parâmetros sociais dos moradores.

MATERIAL E MÉTODOS

A cidade de Rio Branco está situada na extremidade da Amazônia ocidental e exerce forte atração populacional, com alta taxa de urbanização, recebendo uma população oscilante e altamente diversa do interior do Acre e de outras regiões do país (Schmink e Cordeiro, 2008) (Figura 1). O município de Rio Branco tem uma população de, aproximadamente, 350.000 habitantes e uma área de 883.143,74 ha (Acre, 2013). O clima é quente e úmido, apresentando estação chuvosa, com altos índices pluviométricos, de outubro a março, e a precipitação anual varia entre 2.000 a 2.100 mm (Acre, 2006). Os solos de Rio Branco são de origem sedimentar, bem desenvolvidos, como os latossolos, até solos jovens, como neossolos, destacando-se os argissolos, plintossolos, luvisolos e gleissolos (Acre, 2006).



Figura 1. Localização da área de estudo, com destaque para Rio Branco, capital do Acre.

A primeira etapa do estudo consistiu na realização de visita prévia às associações de moradores de cada bairro e de consultas a diversos órgãos da Prefeitura Municipal de Rio Branco, visando obter dados secundários sobre o processo de formação dos bairros Aeroporto Velho, Conjunto Novo Horizonte e Placas, escolhidos para esta pesquisa. A seleção desses bairros foi feita a partir das seguintes características: classe socioeconômica dos moradores, localização periférica, época e histórico de fundação distintos entre si. A escolha dos bairros se baseou na hipótese geral de que a população mais carente, que atualmente habita em bairros periféricos de Rio Branco, notadamente constituída por ex-seringueiros, tenta reproduzir, ao cultivar plantas ornamentais, as mesmas funções que estas espécies vegetais exerciam nos quintais agroflorestais rurais, como estética, ambiência, abrigo para animais e criação de um espaço de lazer e para o convívio social da família.

O bairro Aeroporto Velho, fundado em 1960, está localizado na zona sul da capital, sendo formado por 16 loteamentos. Abriga cerca de 80.000 pessoas. Esse bairro é um dos mais antigos da cidade, fica à margem do rio Acre e, de um modo geral, tem perfil de classe média a baixa. Por sua vez, o bairro de Placas teve sua origem em 1969, sendo formado por 30 loteamentos, invasões e pequenos conjuntos habitacionais. Essa região tem ocupação antiga, com mais de 50 anos. O bairro de Placas está localizado em níveis altimétricos mais elevados de Rio Branco, às margens do igarapé São Francisco, em área tipicamente residencial, com aspectos de segregação urbana, sendo periférico tanto em caráter físico como social. No entanto, apresenta um bom uso, cobertura e aproveitamento do solo (Carmo e Schaefer, 2009). Quanto ao Conjunto Novo Horizonte, foi criado em 1978, sendo composto por 13 quadras e 34 pequenos conjuntos habitacionais e loteamentos. A ocupação das quadras ocorreu por meio de processo de inscrição na Companhia de Habitação do Acre (COHAB/AC) e posterior sorteio. Trata-se de um bairro de criação mais recente, com habitações que apresentam maior homogeneidade, inclusive no tamanho do quintal, devido ao melhor planejamento

desde sua fundação. A região também abriga famílias de classe média a baixa (Schmink e Cordeiro, 2008).

O trabalho foi realizado em 132 quintais, sendo visitadas 53, 54 e 25 residências nos bairros Aeroporto Velho, Placas e Novo Horizonte, respectivamente. O número final de questionários aplicados seguiu a tendência da curva de saturação de espécies, ou seja, no momento em que já não se observavam espécies novas em um mesmo bairro eram cessadas as entrevistas. Este fato ocorreu precocemente no bairro Novo Horizonte, onde as espécies ocorrentes nos quintais começaram a se repetir a partir da 25.^a residência amostrada.

A escolha das residências em cada bairro foi feita pelo método de amostragem sistemática por área, auxiliada pelo uso de mapas cartográficos e imagens de satélite. A partir de então, foram delimitadas as áreas, em cada bairro, com quadras predominantemente residenciais e que não estivessem às margens das principais vias de tráfego. A amostragem consistiu na escolha de uma primeira casa de uma calçada, seguida da quinta casa da mesma calçada e assim sucessiva e sistematicamente até completar a quadra do bairro.

A coleta de dados primários foi feita via abordagem qualitativa, utilizando técnicas de entrevista semiestruturada, seguindo um roteiro-guia padrão, e de observação direta (Triviños, 1987). Antes de iniciar a entrevista, apresentou-se para cada morador o "Termo de consentimento livre e esclarecido", que foi datado e assinado pelo entrevistado e entrevistador. Neste documento, esclareceu-se que o fornecimento de informações pelo morador durante a entrevista seria de livre e espontânea vontade, sendo preservada a sua identidade. Foram pesquisados aspectos socioeconômicos, como sexo, idade, escolaridade, profissão e naturalidade dos entrevistados, e dados sobre tempo de moradia no local e a área do quintal/casa.

A entrevista considerou alguns aspectos levantados por Millat-e-Mustafa (1998), constando, além das questões anteriormente mencionadas, dados sobre as espécies ornamentais cultivadas, tais como: nome

comum, forma de obtenção (floresta, vizinho etc.), hábito de crescimento, indicação dos usos da espécie, formas de condução e propagação da planta.

O número de espécimes vegetais de cada quintal foi registrado em planilhas específicas na presença do morador. As espécies que ainda não tinham sido detectadas na pesquisa de campo foram fotografadas para comparações futuras e também para auxiliar no processo de identificação botânica. As plantas que não puderam ser identificadas no local foram encaminhadas para o herbário da Universidade Federal do Acre, visando à identificação em nível de família, gênero e espécie. A identificação foi feita por comparação com exsicatas do herbário, chaves de identificação, levantamento bibliográfico em literatura especializada, como Lorenzi (2008), e em bases de dados, como o Tropicos (Tropicos.Org., s. d.). O sistema taxonômico vegetal adotado neste trabalho foi o APG III (The Angiosperm Phylogeny Group, 2009). A nomenclatura foi conferida utilizando-se as bases de dados Plantminer (Carvalho *et al.*, 2010).

Todas as análises não paramétricas foram realizadas no programa estatístico SAS 9.1 (SAS Institute INC., 2004). Para determinar a distribuição da variável riqueza de espécies ornamentais, foi utilizado o procedimento PROC UNIVARIATE NORMAL. Os valores entre variáveis foram comparados por meio de análise de variância não paramétrica, usando o PROC NPAR1WAY.

As associações não paramétricas entre as variáveis quantitativas de riqueza, idade, tempo de moradia e área do quintal foram testadas por meio do algoritmo PROC CORR Spearman. Para determinar as associações entre as variáveis qualitativas (sexo, escolaridade e naturalidade) com a riqueza de espécies ornamentais, foram utilizadas tabelas de contingência, usando PROC FREQ.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos entrevistados foi do gênero feminino e era casada. Cerca de 60% dos entrevistados apresentaram baixa escolaridade, considerando aqui as pessoas que atingiram o

nível do ensino médio incompleto. Os 'aposentados' e as 'donas de casa' foram as principais categorias de ocupação dos moradores, seguidos da categoria 'funcionário(a) público(a)' com funções nas áreas da saúde e educação. Na categoria 'outros' foram agrupadas as demais ocupações citadas em menor frequência, como: funcionários públicos ou particulares de outras áreas, autônomos e desempregados. Quanto à naturalidade, constatou-se que cerca de metade dos entrevistados é oriunda do Acre, sendo 55% destes oriundos do interior do estado (Tabela 1).

A área média dos quintais foi de 397,9; 169,6 e 84,25 m² para os bairros Placas, Aeroporto Velho e Novo Horizonte, respectivamente. A área de utilização efetiva do lote como quintal foi de 82%, 62% e 44% para cada bairro, seguindo a mesma ordem de importância precedente.

Os resultados indicaram grande riqueza de plantas ornamentais nas residências. Nos quintais pesquisados, foi contabilizado um total de 140 espécies ornamentais distribuídas em 49 famílias botânicas, sendo as mais representativas: Euphorbiaceae (7%), Arecaceae (6,4%) e Araceae (5%). Das espécies, 57,5% são exóticas e 16% estão associadas também ao uso medicinal (Tabela 2). Os nomes comuns para estas plantas são típicos na Amazônia ocidental brasileira, no entanto, os nomes podem variar conforme o local e as pessoas, como observado em López *et al.* (2004). Quanto ao hábito de crescimento, as plantas ornamentais foram classificadas como herbáceas, arbustivas, arbóreas e trepadoras. Entre as herbáceas, 32% são cultivadas e conduzidas em vasos de cerâmica, latas de ferro ou pneus velhos.

Entre as plantas ornamentais identificadas, as espécies mais frequentes foram: espada-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain); comigo-ninguém-pode ou aninga (*Dieffenbachia amoena* Bull.), de alta ocorrência devido ao uso mágico; ixora (*Ixora coccinea* L.); hortênsia (*Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser.); árvore-da-felicidade (*Polyscias guilfoylei* (W. Bull.) L.H. Bailey) e boa-noite (*Catharanthus roseus* (L.) G. Don), sendo todas de fácil propagação e manejo.

Tabela 1. Dados socioeconômicos dos moradores dos bairros Placas, Aeroporto Velho e Novo Horizonte, situados em Rio Branco, Acre.

Dados socioeconômicos	Categorias	Placas	Aeroporto Velho	Novo Horizonte
Gênero (%)	Masculino	23	31	32
	Feminino	77	69	68
Estado civil (%)	Casado	55,5	49	52
	Solteiro	22,2	30,5	36
	Viúvo e outros	22,3	16	8
Idade dos entrevistados (anos)	Média	47,36	52,53	38,70
	Desvio padrão	18,742	16,929	17,777
Tempo de residência (meses)	< 10 anos – média e %	50,2 (42,6%)	49,7 (16,4%)	54,7 (44%)
	Desvio padrão	39,87	35,57	43,49
	> 10 anos – média e %	272,2 (57,4%)	291,8 (83,6%)	222 (56%)
	Desvio padrão	82,92	96,18	32,15
Escolaridade (%)	Não alfabetizado	13,2	16	4
	Ensino fundamental	36,8	49	36
	Ensino médio completo	42,6	28	56
	Ensino superior completo	7,4	7	4
Origem (%)	Acreano	79,6	79,6	88
	Nascido em Rio Branco	55,8	45,5	45,5
	Emigrado do interior do Acre	44,2	54,5	54,5
Ocupação (%)	Aposentado	33	41,8	20
	Doméstica	19,5	18,2	24
	Funcionário(a) público(a) da área de educação	13,5	11	14
	Funcionário(a) público(a) da área de saúde	11	13	11
	Outros	23,5	16	31

Merece destaque também a alta ocorrência da palmeira areca (*Dypsis lutescens* (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.) e do coqueiro (*Cocos nucifera* L.), este último de valor alimentar (Tabela 2).

Das plantas ornamentais identificadas nesta pesquisa, 5% foram também classificadas como de uso alimentar e 5% como plantas mágicas. Estas, também chamadas de 'plantas de força' ou 'plantas de poder', são utilizadas em rituais místico-religiosos ou para benzimentos e banhos de cheiros, além de serem cultivadas nos quintais e em vasos

com a finalidade de proteção contra males populares, tais como más intenções, 'olho gordo', inveja e 'bicho caído'.

O cultivo de plantas de uso múltiplo é um dos principais atributos na escolha das espécies que compõem um quintal, principalmente na Amazônia (Martins, 1998). Embora os remédios alopáticos sejam facilmente comprados em drogarias espalhadas pelas cidades, estes são caros. Em muitos casos, os moradores usam medicamentos à base de plantas cultivadas nos quintais, as quais estão misturadas na mesma área com plantas ornamentais (Tabela 2).

Tabela 2. Família, nome comum e científico, usos, hábito de crescimento e frequência de ocorrência de plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. Herb = herbácea; Arb = arbustiva; Arv = arbórea; Trep = trepadeira; N = nativa do continente americano; E = exótica.

(Continua)

Família	Nome comum	Nome científico	Outros usos	Hábito de crescimento	Origem	Frequência
Acanthaceae	Planta caricata	<i>Graptophyllum pictum</i> (L.) Griff.		Herb	E	2
	Camarão	<i>Pachystachys lutea</i> Nees		Herb	E	5
	Crossandra	<i>Crossandra infundibuliformis</i> (L.) Nees		Herb	E	4
	Sanquesia	<i>Sanchezia oblonga</i> Ruiz & Pav.		Herb	E	2
	Tumbérgia	<i>Thunbergia erecta</i> (Benth.) T. Anderson		Herb	E	2
	Veludo roxo	<i>Gynura procumbens</i> (Lour.) Merr.		Herb	E	3
	Hera-roxa	<i>Hemigraphis alternata</i> (Burm. f.) T. Anderson		Herb	E	6
Agavaceae	Agave 1	<i>Agave angustifolia</i> Haw.		Arb	E	6
	Agave 2	<i>Agave americana</i> L.		Arb	E	5
	Agave 3	<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck		Arb	E	5
	Angélica	<i>Polianthes tuberosa</i> L.		Herb	E	1
	Clorofito	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques		Herb	E	12
Amaryllidaceae	Narciso	<i>Narcissus</i> spp.		Herb	E	5
	Lírio-do-amazonas	<i>Eucharis grandiflora</i> Planch. & Linden		Herb	N	13
	Lírio-aranha	<i>Hymenocallis</i> sp.		Herb	N	9
Anacardiaceae	Cajá-bravo	<i>Spondias</i> spp.		Arv	E	1
Apocynaceae	Boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don		Herb	N	17
	Alamanda	<i>Allamanda cathartica</i> L.		Trep	N	4
Araceae	Café-de-salão	<i>Aglaonema</i> spp.		Herb	E	12
	Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Mágica e tóxica	Herb	E	44
	Jiboia	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Tóxica	Trep	E	9
	Copo-de-leite	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Tóxica	Herb	E	7
	Taiá, orelha-de-elefante	<i>Xanthosoma atrovirens</i> K. Koch & C. D. Bouché		Herb	N	6
	Inhame-chinês	<i>Alocasia cucullata</i> (Lour.) G. Don		Herb	E	6
	Tinhorão	<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	Tóxica	Herb	N	5
	Antúrio	<i>Anthurium</i> spp.		Herb	N	6
	Orelha-de-elefante-gigante, Taiá-rio-branco	<i>Alocasia macrorrhizos</i> (L.) G. Don		Arb	E	5
	Singônio	<i>Syngonium angustatum</i> Schott		Trep	E	4



Tabela 2.

(Continua)

Família	Nome comum	Nome científico	Outros usos	Hábito de crescimento	Origem	Frequência
Araliaceae	Cheflera-pequena	<i>Schefflera arboricola</i> (Hayata) Merr.		Arb	E	5
	Árvore-da-felicidade	<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull.) L.H. Bailey	Mágica	Arb	E	7
	Árvore-da-felicidade-fêmea	<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms	Mágica	Arb	E	2
Arecaceae	Areca	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beetzje & J. Dransf.		Arv	E	32
	Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Alimentar	Arv	N	2
	Açaí-solteiro	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Alimentar e medicinal	Arv	N	5
	Açaí-de-touceira	<i>Euterpe oleraceae</i> Mart.	Alimentar e medicinal	Arv	N	3
	Coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Alimentar	Arv	E	28
	Pupunha	<i>Bactris ciliata</i> (Ruiz & Pav.) Mart.	Alimentar	Arv	N	4
	Ouricuri	<i>Scheelea princeps</i> (Mart.) H. Karst.	Alimentar	Arv	N	4
	Abacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Alimentar	Arv	N	8
Asteraceae	Picão, Cosmos-amarelo	<i>Bidens sulphurea</i> (Cav.) Sch. Bip.		Herb	E	3
	Cravo-de-defunto	<i>Tagetes patula</i> L.	Medicinal	Herb	E	18
	Gérbera	<i>Gerbera jamesonii</i> Adlam		Herb	E	1
	Perpétua-roxa, balainho-de-velho	<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	Mágica	Herb	E	3
	Margarida, mal-me-quer	<i>Argyranthemum</i> sp.		Herb	E	4
	Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	Medicinal	Herb	E	2
Balsaminaceae	Beijo-de-frade	<i>Impatiens balsamina</i> L.		Herb	E	1
Begoniaceae	Begônia	<i>Begonia</i> spp.		Herb	E	6
Bignoniaceae	Ipê-roxo	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Medicinal	Arv	N	8
	Ipê-de-jardim	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth		Arb	E	6
	Coité	<i>Crescentia cujete</i> L.		Arb	N	3
Brassicaceae	Mussambê	<i>Tarenaya hassleriana</i> (Chodat) Iltis		Arb	N	2
Cactaceae	Mandacarú	<i>Cereus jamacaru</i> DC.		Arb	N	5
	Cactus	<i>Opuntia monacantha</i> Haw.		Herb	N	9
	Flor-da-noite	<i>Hylocereus undatus</i> (Haw.) Britton & Rose		Herb	N	4
	Flor-de-maio	<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran		Herb	N	5



Tabela 2.

(Continua)

Família	Nome comum	Nome científico	Outros usos	Hábito de crescimento	Origem	Frequência
Cannaceae	Berí	<i>Canna x generalis</i> L.H. Bailey		Herb	N	1
Commelinaceae	Trapoeraba	<i>Commelina erecta</i> L.		Herb	E	12
Comelinaceae	Cabelo-de-negro, Dinheiro-em-penca	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.		Herb	N	4
	Trapoeraba-roxa	<i>Tradescantia pallida</i> var. <i>purpurea</i> (Boom) Hook		Herb	N	5
	Abacaxi-roxo	<i>Tradescantia spathacea</i> Sw.		Herb	N	2
Crassulaceae	Língua-de-dragão	<i>Kalanchoe delagoensis</i> Eckl. & Zeyh		Herb	E	5
	Calanchoê	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.		Herb	E	20
Cupressaceae	Cipreste	<i>Cupressus macrocarpa</i> Hartw. ex Gordon		Arv	E	12
Cycadaceae	Cica-revoluta	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.		Arb	N	6
	Cica	<i>Cycas circinalis</i> L.		Arb	E	1
Cyperaceae	Papiro	<i>Cyperus giganteus</i> Vahl		Arb	E	3
Davalliaceae	Samambaia	<i>Nephrolepis</i> sp.		Herb	N	10
	Samambaia	<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott		Herb	N	2
	Renda-portuguesa	<i>Davallia fejeensis</i> Hook.		Herb	E	12
Euphorbiaceae	Jatrofa	<i>Jatropha podagrica</i> Hook.		Arb	E	5
	Sapatinho-do-diabo	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.		Arb	N	7
	Pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Mágica e medicinal	Arb	N	20
	Leiteiro-vermelho	<i>Euphorbia cotinifolia</i> L.		Herb	N	11
	Coroa-de-cristo	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.		Herb	E	6
	Bico-de-papagaio	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch		Arb	N	3
	Cacto-candelabro	<i>Euphorbia ingens</i> E. Mey. ex Boiss.		Arb	E	6
	Candelabro	<i>Euphorbia lactea</i> Haw.		Arb	E	3
	Avelós	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Medicinal	Arb	E	2
	Croton	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph ex A. Juss.		Arb	E	12
	Pinhão-branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	Medicinal	Arb	N	7
Fabaceae	Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>cearensis</i> Huber	Medicinal	Arv	N	2
	Ingá-de-metro	<i>Inga edulis</i> Mart.		Arv	N	22
	Flamboyanzinho	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.		Arv	N	5



Tabela 2.

(Continua)

Família	Nome comum	Nome científico	Outros usos	Hábito de crescimento	Origem	Frequência
Fabaceae	Esponjinha	<i>Calliandra brevipes</i> Benth.		Arb	N	3
Gesneriaceae	Planta-tapete	<i>Columnnea ulei</i> Mansf.		Herb	N	2
	Coléria	<i>Kohleria amabilis</i> (Planch. & Linden) Fritsch		Herb	N	3
Heliconidae	Helicônia	<i>Heliconia latispatha</i> Benth.		Arb	N	8
	Helicônia	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.		Arb	N	4
Hemerocallidaceae	Íris	<i>Hemerocallis</i> sp.		Herb	E	1
Hydrangeaceae	Hortênsia	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.		Herb	E	31
Lamiaceae	Brinco-de-noiva	<i>Clerodendron</i> sp.		Herb	N	1
	Coléus	<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd		Herb	E	6
Laxmanniaceae	Dracena-vermelha	<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth		Arb	E	20
Linderniaceae	Boca-de-lobo (torênia)	<i>Torenia fourieri</i> Linden ex E. Fourn.		Herb	E	8
Malvaceae	Algodão	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Medicinal	Arb	E	5
	Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.		Arb	E	6
	Hibiscus	<i>Hibiscus</i> sp.		Arb	E	16
	Algodão-roxo	<i>Gossypium</i> sp.	Medicinal	Arb	N	12
Marantaceae	Maranta-variegada	<i>Ctenanthe oppenheimiana</i> (E. Morren) K. Schum.		Arb	N	5
	Sororoca	<i>Stromanthe stromanthoides</i> (J. F. Macbr.) L. Andersson		Arb	N	4
Mimosaceae	Sabiá	<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.		Arv	N	4
Moraceae	Ficus	<i>Ficus benjamina</i> L.		Arv	E	12
Musaceae	Bananeira-de-jardim, falsa-banana	<i>Ensete ventricosum</i> (Welw.) Cheesman		Arb	E	3
	Banana-de-chifre	<i>Musa ornata</i> Roxb.		Arb	E	2
Nyctaginaceae	Bonina, maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.		Herb	N	12
	Primavera	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.		Arb	N	6
Oleaceae	Jasmim-roxo	<i>Jasminum</i> sp.		Arb	E	13
	Bogari	<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton		Arb Trep	E	4
	Dama-da-noite	<i>Cestrum nocturnum</i> L.		Arb	E	2
Piperaceae	Peperomia	<i>Peperomia obtusifolia</i> (L.) A. Dietr.		Herb	N	6
	Pimenta-longa	<i>Piper</i> spp.		Arb	N	8
Portulacaceae	Amor-crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Medicinal	Herb	E	3
	Onze-horas	<i>Portulaca oleracea</i> L.		Herb	N	15



Tabela 2.

(Continua)

Família	Nome comum	Nome científico	Outros usos	Hábito de crescimento	Origem	Frequência
Pteridaceae	Avenca	<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl		Herb	N	10
Rosaceae	Rosa	<i>Rosa</i> sp.	Medicinal	Arb	E	21
	Roseira-mini	<i>Rosa chinensis</i> var. <i>sempreflorens</i> (Curtis) Koene		Arb	E	17
Rubiaceae	Mussaenda	<i>Mussaenda alicia</i> Hort.		Arb	E	7
	Ixora	<i>Ixora coccinea</i> var. <i>intermedia</i> (Elmer) Fosberg & Sacht		Arb	E	34
Ruscaceae	Espada-de-são-jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Mágica	Herb	E	45
	Lança-de-são-jorge	<i>Sansevieria stuckyi</i> God.-Leb.		Herb	E	8
	Pau-d'água	<i>Dracena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.		Arb	E	6
	Mini-espada-de-são-jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain		Herb	E	14
	Dracena-confeti	<i>Dracaena godseffiana</i> Hort.		Arb	E	3
	Dracena	<i>Dracaena marginata</i> Lam.		Arb	E	2
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Medicinal	Herb	E	11
Solanaceae	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.		Arb	N	12
	Trombeta	<i>Brugmansia suaveolens</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Bercht. & J. Presl		Arb	N	3
	Manacá	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don		Arb	N	8
	Calibracoea	<i>Calibrachoa sellowiana</i> (Sendtn.) Wijsman		Arb	N	1
Urticaceae	Mucuim	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Daninha	Herb	N	6
	Brilhantina, pilea	<i>Pilea nummulariifolia</i> (Sw.) Wedd.		Herb	N	1
Verbenaceae	Camará, cambará	<i>Lantana camara</i> L.	Tóxica e medicinal	Arb	N	7
	Pingo-de-ouro	<i>Duranta erecta</i> L.		Arb	N	12
	Teca	<i>Tectona grandis</i> L.f.	Madeira	Arv	E	1
Vitaceae	Leia-rubra, leia-vermelha	<i>Leea rubra</i> Blume ex Spreng.		Arb	E	6
Zingiberaceae	Vindicá	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burt. & R. M. Sm.	Mágica e medicinal	Arb	E	8
	Gengibre-vermelho	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Medicinal	Arb	E	4



Tabela 2.

(Conclusão)

Família	Nome comum	Nome científico	Outros usos	Hábito de crescimento	Origem	Frequência
Zingiberaceae	Bastão-do-imperador, rosa-de-porcelana	<i>Etilingera elatior</i> (Jack) R. M. Sm.		Arb	E	5
	Borboleta	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig		Herb	E	3

Mendes (2008) relatou a ocorrência de dezenas de espécies ornamentais em quintais agroflorestais localizados em áreas periurbanas de Rio Branco, com destaque para as diversas variedades de roseiras (*Rosa* spp.), samambaias e avencas (Gimnospermas), jasmims (*Jasminum* spp.), papoula (*Papaver somniferum* L.) e de espécies arbóreas frutíferas, como o jambo (*Eugenia jambolana* Duthie). A proporção de espécies ornamentais detectada por aquele autor foi de 22% em relação às plantas com outros usos, um número bem menor do que o encontrado nesta pesquisa (45,3%). Este fato sugere que os quintais urbanos, objetos desta pesquisa, são mais ricos na categoria de espécies ornamentais exóticas devido ao reduzido espaço, ao maior intercâmbio de plantas com vizinhos, à preocupação com o bem estar, ao prazer em cultivar e à melhoria da ambiência pela sombra.

Alguns quintais não apresentavam arranjos espaciais aparentes na disposição dos vegetais, havendo certa semelhança com os sistemas agroflorestais localizados em áreas rurais, sem regras determinadas de espaço e alinhamento entre as plantas. Em outros, porém, foram observados uma clara setorização e um ordenamento de plantas ornamentais de chão ou de vaso. As espécies ornamentais predominavam na frente das casas, associadas a gramados. Assim, as plantas ornamentais tinham, principalmente, a função de ornar a frente da residência. As plantas alimentares, sobretudo hortaliças e medicinais, eram cultivadas, geralmente, em canteiros suspensos, no fundo do quintal e em meio às instalações para animais e outras benfeitorias. As plantas ornamentais eram basicamente cultivadas em vasos colocados nas soleiras de portas dianteiras e, em alguns casos, traseiras. Esta divisão

também foi encontrada por Santos (2004) e Amaral e Guarim Neto (2008).

Muitas espécies ornamentais cultivadas nos quintais de Rio Branco eram exóticas e bastante comuns em outras regiões da Amazônia e do Brasil. A presença destas espécies nos quintais, em várias regiões do país, urbanos e não urbanos, revela o intercâmbio e a difusão de material genético, principalmente em relação às espécies potencialmente ornamentais e úteis na alimentação (Lamont *et al.*, 1999; Seixas, 2008; Emperaire e Eloy, 2008; Smedo e Barbosa, 2007; Eichemberg *et al.*, 2009).

Emperaire e Eloy (2008) relataram também o fenômeno do estreitamento da relação entre comunidades florestais e áreas urbanas na Amazônia. As atividades de produção agrícola, originalmente praticadas na floresta, estão sendo modeladas na periferia das cidades, construindo um mosaico agrícola urbano. Analogamente, Winklerprins e Oliveira (2010) relatam grande fluxo de plantas no sentido da várzea para as periferias das cidades por ocasião das cheias e no sentido inverso na época mais seca, ou seja, as plantas 'migram' com seus manejadores.

O elevado número de plantas ornamentais em quintais urbanos está associado com o papel estético que possuem. As plantas ornamentais são muito utilizadas em áreas urbanas entre as populações de baixa renda. São adquiridas pela compra direta de mudas em mercados ou por meio de troca (escambo) entre moradores, reforçando as relações sociais no bairro. O número de plantas ornamentais também tem aumentado em áreas urbanas em resposta ao processo de modernização dentro (Moura e Andrade, 2007) e fora do Brasil (Rico-Gray *et al.*, 1990).

Amorozo (2002) relatou que, em cidades mais industrializadas, a frequência de ocorrência de espécies de uso ornamental é notadamente mais elevada quando comparada às outras categorias.

Nos quintais urbanos na Amazônia, várias espécies ornamentais também são consideradas como 'protetoras'. Estas ficam, geralmente, no espaço frontal da casa, de forma a proteger seus moradores de 'mau olhado', além da função estética. Assim, a parte da frente da casa está quase sempre ocupada por flores e outras plantas de valor ornamental, sendo comum, ao redor da casa, a presença de árvores que fornecem sombra e possuem outros usos.

Em rituais de benzimento durante o processo de cura de doenças, a associação de rezas e cantigas com o uso de plantas mágicas faz parte da cultura de todas as regiões brasileiras (Schultes e Raffauf, 1990). Na Reserva Extrativista Chico Mendes, situada no alto rio Acre, foi detectado o emprego de diversas espécies de plantas ornamentais de uso também mágico em rituais de benzimento e rezas católicas, para dar sorte em caçadas para o homem e seu cachorro, para 'quebrante' e para afastar 'mau olhado'. Nos rituais de reza e benzimento, os ramos verdes ou secos das plantas são molhados em uma solução de água e sal de cozinha. Em seguida, são feitos vários 'sinais da cruz' durante a reza (Ming, 2006).

A utilização de plantas associadas aos rituais de povos africanos em rezas e benzimentos católicos evidencia a influência que os negros tiveram nos antecessores de origem nordestina, com reatamento cultural atual junto aos migrantes seringueiros e caboclos amazônicos. Benzimentos e rezas mostram não apenas a religiosidade associada com o uso de plantas, mas também a existência de elementos africanos, caboclos e indígenas em rituais predominantemente católicos (Ming, 2006).

As plantas ornamentais, e que também foram citadas como tendo uso mágico pelos moradores, foram classificadas, pelos entrevistados, como portadoras de poderes sobrenaturais com intuito de proteção da casa, visando espantar o 'mau olhado', trazer dinheiro, 'tirar a

panema' (azar) e 'abrir os caminhos', ou são usadas em 'banho de descarrego'. As principais espécies com essas utilidades são: comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena* Bull.), arruda (*Ruta graveolens* L.), tipi (*Petiveria aliacea* L.), pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e espada-de-são-jorge (*Sansevieria* sp.), as quais também estão listadas entre as espécies ornamentais mais frequentes nos quintais estudados (Tabela 2).

Diversos estudos já apontaram para a importância do uso do comigo-ninguém-pode para proteção do lar. Grande parte da população também atribui à mesma planta um valor simbólico e poderes mágicos, sendo comum, no Brasil, seu cultivo em vasos que ornamentam ambientes e protegem de ações malélicas (Camargo, 1998). Maciel e Guarim Neto (2006), em pesquisa realizada no município de Juarena, em Mato Grosso, relataram que as benzedeadas realizam rituais contra 'doenças do espírito', 'mau olhado' e 'quebranto', em suas casas ou mesmo à distância, utilizando pequenos ramos de arruda ou tipi. Por sua vez, Oliveira e Trovão (2009), pesquisando plantas utilizadas por benzedeadas no estado da Paraíba, encontraram a arruda e o pinhão-roxo como as espécies mais citadas, utilizadas para curar o 'mau olhado' ou o 'quebranto', que seria um tipo de mal estar físico e espiritual que aflige as pessoas. O uso da arruda também é citado em estudos sobre ervas sagradas usadas em rituais de candomblé, umbanda e em benzimentos católicos na cura de 'maus fluidos', inveja e 'olho grande'. Carniello *et al.* (2010) descreveram o uso da arruda e guiné, no interior do Mato Grosso, como sendo as únicas citadas para uso místico, com indicações também para uso ornamental e medicinal.

Estudos realizados em quintais urbanos e não urbanos no Peru indicam que a diversidade dos quintais é fortemente relacionada às características específicas de tamanho e forma do local, características socioeconômicas e de acesso a material de plantio, como a disponibilidade de sementes e mudas (Coomes e Ban, 2004). Este fato foi comprovado nesta pesquisa, observando-se a alta

frequência das plantas de fácil propagação, como a comigo-ninguém-pode e a espada-de-são-jorge.

A análise de variância não paramétrica para a variável riqueza de plantas ornamentais mostrou que não existem diferenças significativas ($p > \chi^2 = 0,099$) entre os bairros Aeroporto Velho (4,8 espécies), Placas (4,5 espécies) e Novo Horizonte (2,0 espécies).

Os resultados da análise não paramétrica indicaram que não foram encontradas associações significativas entre riqueza de plantas ornamentais e as variáveis qualitativas: sexo ($gl = 20$; $p > \chi^2 = 0,3311$), escolaridade ($gl = 60$; $p > \chi^2 = 0,9140$) e naturalidade ($gl = 40$; $p > \chi^2 = 0,4360$). Também não foram encontradas correlações não paramétricas (Spearman) significativas entre riqueza de plantas ornamentais e as variáveis quantitativas 'tempo de moradia' ($p = 0,4693$), 'idade' ($p = 0,4539$) e 'área do quintal' ($p = 0,6796$), sugerindo que estratificações socioeconômicas tradicionais e tamanho da área não explicam a riqueza de plantas ornamentais cultivadas em quintais urbanos.

O bairro Aeroporto Velho apresentou maior área construída e menor área efetiva de quintal (44%). Essa diferença em relação aos demais bairros pode ser explicada, em parte, devido ao fato do bairro ser o mais antigo, abrigando moradores mais idosos, com maior tempo médio de moradia no bairro (20 anos) e na mesma residência (há mais de dez anos) (Tabela 1).

Embora os resultados da pesquisa não tenham mostrado uma relação direta significativa entre diversidade de espécies e idade dos entrevistados, a idade avançada dos moradores entrevistados em Aeroporto Velho pode ser um fator limitante para o cultivo de maior número de espécies nos quintais maiores, mesmo com tempo de moradia mais longo.

O maior número de benfeitorias construídas ao longo do tempo é um indicativo de que as residências acolhem, por determinado tempo, membros da família ou, então, de que são expansões para alugar a particulares visando suplementar a renda. Alguns agregados familiares, parentes próximos, fazem uso

dessas benfeitorias construídas em anexo à casa-sede, eventualmente, em situações de alagação e de apoio a parentes que vêm para Rio Branco em busca de atendimento de saúde, educação, emprego e acesso a programas sociais, como bolsa-família, ou a direitos mais facilmente acessados na capital.

Lamont *et al.* (1999) reportaram, em seu estudo de três localidades no Pará, que quanto maior o tamanho do lote, maior era a riqueza de espécies. Esta relação não foi encontrada em nosso estudo e nem naqueles realizados por Albuquerque *et al.* (2005) ou Eichemberg *et al.* (2009). De acordo com Martins (1998), o tamanho do quintal varia em função da condição econômica da família e do tempo que esta ocupa o espaço, acrescentando as construções de acordo com suas necessidades.

Os resultados de riqueza de espécies ornamentais *versus* origem dos moradores de Rio Branco não revelaram efeito significativo, como detectado em outras cidades do Brasil por Eichemberg *et al.* (2009). Os autores reportaram que, em Rio Claro, São Paulo, as plantas ornamentais desempenham importante função estética na residência e que a riqueza dos quintais pode estar relacionada com a origem rural e cultural dos moradores proprietários.

Um fato que pode estar relacionado à riqueza de espécies ornamentais nos quintais urbanos é a presença das mulheres no manejo dos quintais amostrados (média geral = 71%), embora as análises estatísticas não tenham revelado significância com a riqueza de espécies. Nesta pesquisa, as mulheres mais idosas manifestaram maior participação no cultivo de plantas ornamentais, demonstrando mais interesse e maior preocupação com a estética da casa do que os homens (Tabela 1).

Na Reserva Estadual do Croa, localizada na boca do rio Croa, vale do Juruá, Acre, foram relatadas 30,8% de espécies com uso ornamental. A elevada diversidade de plantas ornamentais foi revelada pela forte presença da participação da mão de obra feminina na construção de quintais, associada a efeitos da modernização, como o acirrado fluxo de moradores na BR-364 (Seixas, 2008).

A relação entre 'gênero' e os fatores 'idade do responsável', 'riqueza de espécies', 'grau de uso de plantas na família', em região tropical, indica que as mulheres estão mais envolvidas com o manejo dos quintais do que os homens, sendo essa participação mais pronunciada entre pessoas mais idosas, notadamente na faixa entre 30 e 80 anos (Voeks, 2007). Diversos trabalhos reportam a importância das mulheres nos eventos de domesticação, manutenção, intercâmbio de material genético de plantas no quintal, incluindo espécies ornamentais (Brito e Coelho, 2000; Howard, 2003; Murrieta e Winklerprins, 2003).

O embelezamento e a regulação do ambiente em torno da casa também foram citados durante as entrevistas como elementos importantes fornecidos pelo quintal, conforme relatou a Sra. Letícia Rodrigues: "Em dias e noites muito quentes, nós ficamos um bom tempo no quintal, debaixo das árvores, para resfriar a temperatura e, quando não, a gente come por aqui mesmo". Nair (1993) reportou o valor das plantas ornamentais no fornecimento de sombra para pessoas, plantas e animais do quintal. Soemarwoto (1987) destacou o papel ecológico dos quintais na melhoria do ciclo hidrológico, no abrigo para a fauna, na conservação de recursos genéticos e no controle da erosão. O papel estético dos quintais, ou seja, a criação temporal de um espaço de relacionamento dos moradores com as plantas, basicamente gerado pelas espécies ornamentais, indica que as plantas são cultivadas e 'criadas', e não, simplesmente, espalhadas aleatoriamente no espaço físico disponível denominado quintal (Heckler, 2004; Emperaire e Eloy, 2008).

Mendes (2008) ressaltou que o cultivo de espécies ornamentais, para moradores periurbanos de Rio Branco, tem alto valor estético e de sociabilidade. Algumas famílias levam mudas para comercialização na feira, gerando renda direta, ou doam e trocam com vizinhos por outra espécie, conservando a agrobiodiversidade e reforçando laços sociais. Heckler (2004) relata que a proximidade dos moradores com a cidade, via êxodo rural, não diminui, necessariamente, a diversidade de plantas nos quintais, pelo

contrário, pode promover conservação, experimentação e inovação no cultivo destas junto ao novo ambiente.

Durante a realização da pesquisa, notou-se trocas de espécies vegetais, bem como suas peculiaridades de uso e cultivo, entre vizinhos e parentes de uma mesma rua, demonstrando a existência de uma rede social reforçada pelo intercâmbio de conhecimento tradicional. O mesmo fato foi reportado em estudos com moradores da periferia de Santarém, Pará, envolvendo os quintais urbanos, registrando a importância dos sistemas informais de produção, doação e trocas de conhecimentos tradicionais na sobrevivência dos moradores (Winklerprins e Oliveira, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quintais urbanos de Rio Branco são construídos com uso de insumos externos mínimos e utilizam um método sucessional de espécies, preservando plantas nativas e copiando ambientes que lembram o de uma floresta. Os quintais urbanos de Rio Branco também são idealizados, construídos e manejados usando-se espécies com funções diversas, formando jardins que apresentam valor ornamental, socioambiental e cultural. Assim, os quintais urbanos se constituem em uma rica fonte de recursos genéticos vegetais, contribuem com o bem estar, auxiliam na saúde e na alimentação da família e conservam aspectos culturais da população local.

A terça parte das plantas citadas, de origem não amazônica, principalmente europeia, indica a influência trazida do Nordeste e também de migrantes de outros estados, incorporando novas informações aos seringueiros nativos da região. Além disso, a manutenção da diversidade de espécies ornamentais nos quintais de Rio Branco demonstra que os moradores, na maioria ex-seringueiros, estão recriando, na cidade, uma agrobiodiversidade característica, resgatando plantas de uso ornamental e alimentar que coletavam na floresta e cultivavam no campo (Siviero *et al.*, 2011). A manutenção dessa alta diversidade agrícola de plantas nos quintais urbanos pode ser um fenômeno relativamente novo de migrantes urbanos

(Lamont *et al.*, 1999; Emperaire e Eloy, 2008; Winklerprins e Oliveira, 2010).

O sistema de circulação de plantas entre os moradores de bairros periféricos de Rio Branco ocorre devido à importância da agricultura urbana para as cidades da Amazônia (Winklerprins e Oliveira, 2010). A riqueza de plantas ornamentais, mesmo sendo a maioria de origem exótica, reflete a conservação da diversidade agrícola incidental pelo uso. Os responsáveis pelos quintais urbanos, especialmente as mulheres de mais de 50 anos, podem ser considerados como guardiães e manejadores de *hotspots* de diversidade agrícola.

REFERÊNCIAS

- ACRE. Governo do Estado do Acre. **Acre em números**. 9. ed. Rio Branco: Secretaria de Estado de Planejamento/Departamento de Estudos e Pesquisas, 2013. 211 p.
- ACRE. Governo do Estado do Acre. **Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico**. Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Fase II. Documento síntese – escala 1:250.000. Rio Branco: Secretaria de Estado de Meio Ambiente, 2006.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C.; CABALLERO, J. Structure and floristic of homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments**, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.
- AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.
- AMOROZO, M. C. M. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanazio (Orgs.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002. p. 123-131.
- BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agrofloreais em regiões tropicais - unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.
- CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II**: estudo etnofarmacobotânico. São Paulo: Ícone, 1998.
- CARMO, L. F. Z.; SCHAEFER, C. E. G. R. Mapeamento por fotointerpretação, uso e cobertura do solo urbano em Rio Branco (AC): subsídios ao planejamento urbano. **Revista de Ciências Humanas**, v. 9, n. 1, p. 85-95, 2009.
- CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.
- CARVALHO, G. H.; CIANCIARUSO, M. V.; BATALHA, M. A. Plantminer: a web tool for checking and gathering plant species taxonomic information. **Environmental Modelling & Software**, v. 25, n. 6, p. 815-816, 2010.
- COOMES, O. T.; BAN, N. Cultivated plant species diversity in home gardens of an Amazonian peasant village in Northeastern Peru. **Economic Botany**, v. 58, n. 3, p. 420-434, 2004.
- EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M.; MOURA, L. C. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, n. 4, p. 434-460, 2009.
- EMPERAIRE, L.; ELOY, L. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 2, p. 195-211, 2008.
- HECKLER, S. L. Cultivating sociality: aesthetic factors in the composition and function of Piaroa homegardens. **Journal of Ethnobiology**, v. 24, n. 2, p. 203-232, 2004.
- HOWARD, P. L. **Women and plants**: gender relations in biodiversity management and conservation. London and New York: Zed Books, 2003. 298 p.
- KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, n. 1, p. 135-152, 2004.
- LAMONT, S. R.; ESHBAUGH, W. H.; GREENBERG, A. M. Species composition, diversity, and use of homegardens among three Amazonian villages. **Economic Botany**, v. 53, n. 3, p. 312-326, 1999.
- LÓPEZ, C.; SHANLEY, P.; FANTINI, A. (Eds.). **Riches of the forest**: fruits, oils, remedies and handicrafts in Latin America. Desa Putra, Indonesia: CIFOR/DFID/EC/Overbrook Foundation, 2004.
- LORENZI, H. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.
- MACIEL, M.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1, n. 3, p. 61-77, 2006.
- MARTINS, A. L. U. **Quintais urbanos em Manaus**: organização, espaço e recursos vegetais no bairro Jorge Teixeira. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 1998.
- MENDES, R. **Aspectos da produção agroecológica do baixo Acre**. 2008. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2008.

- MILLAT-E-MUSTAFA, M. D. An approach towards analysis of homegardens. In: RASTOGI, A.; GODBLE, A.; SHENGJI, P. (Eds.). **Applied ethnobotany in natural resource management traditional home gardens**. Nepal: International Centre for Integrated Mountain Development Kathmandu, 1998. p. 39-48.
- MING, L. C. **Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes**: uma visão etnobotânica. São Paulo: UNESP, 2006.
- MOURA, C. L.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes - PE. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, supl. 1, p. 219-221, 2007.
- MURRIETA, R. S. S.; WINKLERPRINS, A. M. G. A. Flowers of water: homegardens and gender roles in a riverine caboclo community in the lower Amazon, Brazil. **Culture & Agriculture**, v. 25, n. 1, p. 35-47, 2003.
- NAIR, P. K. P. The enigma of tropical homengardens. **Agroforestry Systems**, v. 12, n. 61, p. 135-152, 2004.
- NAIR, P. K. P. **An introduction to agroforestry**. Dordrecht: ICRAF/Kluwer Academic Publishers, 1993. 334 p.
- OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.
- RICO-GRAY, V.; GARCIA-FRANCO, J. G.; CHEMAS, A.; SIMA, P. Species, composition, similarity and structure of Maya homegardens in Tixpeul and Tixcaltuyub, Yucatan, Mexico. **Economic Botany**, v. 44, n. 4, p. 470-487, 1990.
- SANTOS, S. **Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- SAS INSTITUTE INC. **Use guide version 9.1**. Cary: SAS Institute Inc., 2004. Disponível em: <http://support.sas.com/documentation/onlinedoc/91pdf/sasdoc_91/share_ug_7261.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- SCHMINK, M.; CORDEIRO, M. L. **Rio Branco**: a cidade da floresta. Belém: EDUFPA, 2008.
- SCHULTES, R. E.; RAFFAUF, R. F. **The healing forest**: medicinal and toxic plants of north west Amazonia. Portland: Dioscorides Press, 1990.
- SEIXAS, A. C. P. S. **Entre terreiros e roçados**: a construção da agrobiodiversidade por moradores do Rio Croa, Vale do Juruá (AC). 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- SEMEDO, R. J. C. G.; BARBOSA, R. I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Amazonica**, v. 37, n. 4, p. 561-568, 2007.
- SIMERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Cultivo de espécies alimentares em quintais urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.
- SOEMARWOTO, O. Homegardens: a traditional agroforestry system with a promising future. In: STEPLER, H. A.; NAIR, P. K. R. (Eds.). **Agroforestry**: a decade of development. Nairobi: ICRAF, 1987. p. 157-170.
- THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 161, p. 105-121, 2009.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- TROPICOS.ORG. Missouri Botanical Garden. [s. d.]. Disponível em: <<http://www.tropicos.org/>>. Acesso em: 8 set. 2013.
- VOEKS, R. A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in Northeast Brazil. **Singapore Journal of Tropical Geography**, v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007.
- WINKLERPRINS, A.; OLIVEIRA, P. S. S. Urban agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 5, n. 3, p. 571-585, 2010.

